

## **A invenção de si como outramento: Biografemas do trabalho docente**

The invention of the self as the other: Biographems of teachers' work

Maria Elizabeth Barros de Barros; Heliana de Barros Conde Rodrigues

Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

### **RESUMO:**

O objetivo principal desta pesquisa foi produzir conhecimentos no âmbito das práticas educacionais, na relação com as experiências vividas por professores/as. O intuito foi resistir ao apagamento de histórias e experiências, tendências neoliberais que prevalecem hoje e insistem em colocar docentes como não sujeitos da e na história nas propostas educacionais em redes públicas de ensino. A contrapelo dessas políticas públicas moldadas e esvaziadas de sentido para esses e essas profissionais em situação de trabalho, busca-se fortalecê-los, na perspectiva de transformação deste presente que está posto e na construção de outros futuros possíveis, com horizontes mais abertos no campo da educação. A proposta de pesquisa nasceu nesse contexto. Inspirada nas leituras de Roland Barthes tem como estratégia metodológica os biografemas, propostos por esse autor. Os resultados indicam a relevância do narrar histórias em educação, narrar experiências e colocá-las em diálogo para repensar práticas docentes. Narrar favorece o pensar, exercita o pensamento e força o vivido a se recriar no curso da experiência, reposiciona práticas e pode inventar modos outros de ser docente, resistindo às tentativas de apagamento da história que docentes escrevem.

**Palavras-chave:** Biografemas; Educação; Docentes.

---

### **ABSTRACT:**

The main objective of this research was to produce knowledge within the scope of educational practices, concerning the experiences lived by teachers. The intention was to resist the erasure of stories and experiences, neoliberal tendencies that prevail today and insist on placing teachers as non-subjects of and in history in educational proposals in public schools. Against the grain of these public policies molded and emptied of meaning for these professionals in a working situation, we seek to strengthen them, in the perspective of transforming this present that is set and in the construction of other possible futures, with more open horizons in the field. of education. This research proposal was born in this context. Inspired by the readings of Roland Barthes, its methodological strategy is the biographemes, proposed by this author. The results indicate the relevance of storytelling in education, narrating experiences and putting them in dialogue to rethink teaching practices. Narrating favors thinking, exercises thinking and forces the lived experience to be recreated in the course of experience, repositions practices and it can invent other ways of being a teacher, resisting the attempts to erase the history that teachers write.

**Key-words:** Biographems; Education; Teachers.

---

*DOI: 10.12957/mnemosine.2023.85823*

A pesquisa que apresentamos a seguir teve como cenário o trabalho de docentes numa rede pública de um município do Sudeste brasileiro que, dentre muitos dos seus desafios, viveu, num presente muito próximo, as mazelas produzidas pela pandemia da Covid 19, momento quando aulas foram canceladas nas universidades e no ensino fundamental e reuniões online foram disparadas visando a gestão das práticas educacionais, em função. Desenhava-se, assim, uma situação que configura apenas um dos tantos cenários na esfera das problemáticas contemporâneas que tangem ao trabalho, ou seja, uma intensa precarização das condições em que nos encontramos em situação laboral.

Nosso objetivo foi chamar atenção para a microgestão cotidiana da dimensão da experiência do trabalho como atividade. Pudemos encontrar elementos para produzir insuspeitos efeitos nesse momento da crise sanitária provocada pelo coronavírus. Visamos ouvir narrativas de docentes e dar passagem para histórias de vida que se fazem por entre os enfrentamentos às infidelidades do meio, vidas impessoais que nos animam, vidas que não são de ninguém, mas potência, força coletiva, política.

Contudo, em não raras situações, a precariedade das condições de trabalho revela sua face mais cruel quando o “frenesi” produtivo-economicista baliza decisões gerenciais que minorizam riscos sanitários aos quais são submetidos trabalhadores e trabalhadoras da educação. O que se percebe são intensas modificações nos modos de organização do trabalho gerando novas modalidades de relação entre trabalhadores e trabalhadoras e estudantes. Tais modificações têm atualizado toda sorte de sentimentos e emoções, com destaque para as inseguranças ante os modos de trabalhar, já que habilidades diferentes dos habituais estão sendo exigidas na condução dos processos laborais; para os medos em relação ao presente e ao futuro, e para a forte sensação de solidão.

Se tomamos a experiência do trabalho como atividade – o que implica levar em conta as microgestões dos processos de trabalho, logo conseguimos vislumbrar que o momento de pandemia instaura uma situação peculiar, que vem demandando muito daquelas e daqueles que trabalham. Diante de tal infidelidade do meio em face a um vírus que acarreta modificações concretas no âmbito da organização e das condições de trabalho, bem como da experiência subjetiva de quem trabalha, instaura-se uma situação que convoca intensa normatividade e que se refere à vida como capacidade transitiva, termo proposto por Canguilhem (2002). Para o filósofo, vida e norma encontram-se em relação de imanência, estando a normatividade vital, como a experiência, ligada às

transformações e à potência de criação de novos meios de vida diante da variação das normas. Ora, variação de normas é tudo o que o coronavírus tem provocado.

Seguindo pistas do pensamento de Canguilhem (2002 e 2012), consideramos que trabalhar consiste em renormatizar parcialmente os meios de vida e se refere à experimentação das normas por parte de quem trabalha. É experimentação que implica sempre certa transformação de si, dos modos de trabalhar e daquilo que se efetiva como produto desse processo. A perspectiva analítica que se desenha com essa abordagem permite-nos, portanto, construir elementos para um debate a respeito da experiência do trabalho. Ora, é na atividade que se processam debates de normas referentes aos modos de trabalhar, que se mobilizam transversalmente a história dos seres vivos, a história social e a história de cada trabalhadora ou trabalhador.

Assim, podemos considerar que trabalhar em tempos de pandemia acaba por gerar situações de normatividade específicas por parte de docentes no enfrentamento do que se tem vivido no âmbito da educação. Trata-se de levar em conta que, em um momento como esse, as instâncias coletivas de proteção entre esses profissionais podem tanto se fortalecer como se fragilizar, a depender dos espaços de fala, de escuta e de debate a respeito dos modos de trabalho atualizados. O cenário produzido pela pandemia no campo do trabalho nos leva a reafirmar que humanos, insistentemente, renormatizam seus meios de vida, marcados pelo fato de terem a singularidade de não possuírem apenas normas vitais, pois vivem principalmente sob normas sociais.

A atividade humana sempre envolve normas que antecedem as situações laborais cotidianas e humanos renormatizam para enfrentar as adversidades e infidelidades do meio a partir de normas que referenciam a atividade antes que seja desenvolvida. Essas normas não podem ser reduzidas àquelas produzidas por aqueles que controlam e exploram o trabalho dos outros, pois também são criadas pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras como referência para o seu trabalho. Estamos nos direcionando, portanto, para um tipo de saber que sempre se apresenta em situação de trabalho e inclui o modo como a atividade humana configura modos de operar localmente definidos. Essa dinâmica implica, necessariamente, tomar a inteligência do kairós, que permite dar conta das contingências do trabalho e de condições preexistentes, estabilizadas, que orientam as atividades, produzindo-se uma dinâmica entre os protocolos definidos a priori, estabilizados.

A inteligência do kairós, “tempo da oportunidade”, atualiza uma inteligência advinda de uma experiência que vai se estruturando ao longo da nossa constituição. Não

podemos ignorar esse instante criador-inventivo da atividade humana em que algo se quebra e faz desviar os caminhos habituais até então praticados.

Essa direção que elegemos para a pesquisa realizada considera, portanto, que, ao mesmo tempo que existe uma ética do trabalho que encarna formas endurecidas e que obstaculizam o movimento incessante de transformação, também persiste uma ética que busca ampliar nossa potência normativa e dá passagem às diferenças que nos constituem. Os humanos se deparam com acontecimentos imprevisíveis em situações laborais, num infinito processo de diferenciação que marca o existir. Assim, a partir das narrativas docentes seria possível dar passagem aos processos de expressão e criação da experiência de trabalho e, dessa forma, nos reapropriarmos de componentes subjetivos para elaborar novos mapas existenciais.

A experiência da pandemia de Covid-19 pode ser o instante kairós, um tempo oportuno para redimensionarmos nossos fazeres no âmbito educacional. O isolamento social não eliminou uma espécie de estoque de atos disponibilizados na docência – uma espécie de memória para orientar a atividade em curso. Podemos considerar que sempre há uma prévia às ações que se refere às histórias de uma tradição, uma vez que toda atividade humana é constituída de historicidade. Nessa perspectiva, coletivo e singularidade não se dissociam: as arbitragens, a gestão das adversidades e os efeitos produzidos por essa gestão que sempre renormatiza o meio para vivermos, recriam sem cessar uma história. Ocorre processualmente algo novo que nos obriga a escolher, como seres às voltas com um mundo de valores. Esta é a aposta: atualizar um gesto pedagógico. O gesto e seus acasos estão ali para nos lembrar que ele não deve ser, apenas, mais bem compreendido, ou mais bem sucedido. Um gesto está mergulhado nos processos de compartilhamento e sofre intervenção dos conflitos e tensionamentos inerentes ao exercício do trabalho.

Dessa forma, ante o inesperado da Covid-19, trabalhadoras e trabalhadores iniciam uma jornada intensa de renormatização do meio, da criação de meios para continuarem existindo. A questão, portanto, é: como docentes estão enfrentando essa infidelidade do meio nesses tempos? Nossa tese é a de que estão criando estratégias de normatização que tem como fio condutor a indissociabilidade entre pensar-fazer-dizer-narrar-trabalhar. Estar em atividade industriosa implica uma atitude normativa, criando um conjunto heterogêneo de estratégias que incrementem as lutas no enfrentamento dessas adversidades que a pandemia da Covid-19 nos apresenta. Retomando a máxima socioanalítica, essas lutas buscam, em nosso entendimento, transformar para conhecer as

situações concretas de trabalho, criando dispositivos de análise do vivido, dispositivos de conversação que, atualmente, acabam tendo algumas peculiaridades.

Nesse cenário, delineamos como objetivo ouvir narrativas docentes que podem oferecer pistas para a ampliação de uma potência que engendra meio para existir e para fazer existir um trabalho. Em meio a tantas forças que situam os modos de trabalhar em certa inércia, ainda que em plena modulação permanente dos modos de trabalhar requerida pelo capitalismo, é preciso entender a dinâmica no trabalho que se atualiza todos os dias. Uma afirmação expressa por Dressa (participante da pesquisa) indica essa força: “Mas a tentativa foi de permanecer forte, e consegui. Enfrentei e continuo enfrentando os desafios, não desisti. Continuo inventando um jeito de trabalhar a cada dia”.

### **Metodologia**

As estratégias metodológicas usadas partiram do trabalho de Roland Barthes sobre Biografemas, o que implicou ouvir narrativas de educadores em tempos de pandemia, entendendo que narrar produz formas outras de viver.

O neologismo “biografema” é um significante que, ao tomar um fato da vida do biografado, transforma-o em “signo”, ou seja, objeto de um encontro, meio ou rede movente, fábrica criadora, e não reprodutora, que expressa encontros extensivos e intensivos que constituem uma vida. A direção seguida, foi, então, pensar que a composição de nossa vida é uma composição de encontros que nos constituem em todas as direções: nos passeios, nas reuniões, nos amores, quer vividos em solidão, ou no aconchego de um quarto. Mesmo na solidão podem proliferar encontros, solidões povoadas, conexões insuspeitas.

Destarte, tomamos o biografema como signo que expressa uma perspectiva fragmentária do sujeito, seus encontros inesperados, traços de encontros impossíveis de serem capturados por qualquer tentativa de totalização. Para Barthes (1984, 2003 e 2005), a pesquisa biografemática procura encontrar alguns elementos-de-vida-chave nos sujeitos, entendendo que esse elemento ultrapassa a vida do próprio sujeito.

Objetivamos explorar traços biográficos de profissionais da educação (biografemas) tomados como fragmentos que buscam iluminar detalhes prenes de se atualizarem e, então, imprimir sentidos outros nessas vidas de forma a se criar “pontes metafóricas entre realidade e ficção” (BARTHES, 2005, p. 105). Nosso propósito foi tecer em palavras, experiências, gestos pedagógicos e entrelaçar linhas que foram se

desenhando no percurso investigativo, acompanhando a processualidade incessante e ininterrupta de acontecimentalização da pesquisa.

Longe de ter um objetivo definitivo e inquestionável, um lugar a salvo ou uma verdade a ser atingida, objetivamos um traçado investigativo sem destinos prévios ou certezas que confortem. Aqui será exposta apenas uma das experiências que, pautadas numa diligência modesta, visam um “deslocar-se, abjurar, se necessário” (BARTHES, 2013, p. 28).

O método, portanto, veio a título de procedimento sem visar a produzir deciframentos e apresentar resultados definitivos e inquestionáveis, mas buscar descartar discursos instituídos e, é justo dizer, criar uma ficção e, então, sustentar um discurso fugindo das armadilhas das estratégias fascistas que não proíbem, mas nos põem a falar. Uma língua se define menos pelo que permite dizer e muito mais pelo que obriga a dizer. Toda palavra é palavra de ordem, mas é possível enganar a língua e aliar-se o saber a certo sabor, forjando uma liberdade e um discurso fora do poder e de suas relações.

O empreendimento metodológico não se efetivou de forma neutra e desinteressada, uma “coleta de dados” puros e sólidos. Como nos indica Gagnebin (2006), a opção por um método desviante, que não está vinculado a qualquer escola ou forma prévia, é um laborioso trabalho que não teme os desvios, não teme a errância. Projetos são esboços utópicos do percurso de uma problemática de pesquisa, de forma que o tempo não seja reduzido à sua dimensão “chrónos” (tempo linear que induz a uma equivocada ideia de causalidade), mas, também, “aiôn” (criação de novidade) e, sobretudo, “kairós”, “tempo oportuno, da ocasião que se pega ou se deixa, do não previsto e do decisivo” (GAGNEBIN, 2006, p. 1). Quando algo acontece no percurso investigativo pode ser, subitamente, uma efetiva questão, aí vale a pena demorar, parar, dar um tempo, descrever o impasse e perceber que algo está começando a ter nascimento e não sabemos como nomear. Um pesquisar que não teme “perder tempo”, nem quer ganhar tempo.

Uma pesquisa-experiência não pretende condizer fielmente com o que se passou, “e que eu diga isso ou aquilo ou outra coisa, na verdade pouco importa. Dizer é inventar” (MOLLOY, 2014, p. 180). Uma experiência percorre, é um modo de relação que se abre à dimensão do comum e a narração é o modo como a transmissão dessa experiência se efetiva. Evitamos tomar a experiência dos docentes circunscrita à dimensão do particular, do privado, o que pode implicar num fechamento sobre esse particular e a narração passa a ser enunciada por meio de pronomes possessivos: “suas experiências inefáveis, seus sentimentos, suas mulheres, seus filhos, sua casa e seus objetos pessoais” (BENJAMIN,

1983, p. 51), imperando o privativo e a individualidade. Privilegiamos um tipo de narrar “como um catador de migalhas, um trapeiro, um catador de lixo que recolhe os cacos, não para transmitir qualquer totalidade, mas apenas os fragmentos recolhidos durante sua breve existência” (GAGNEBIN, 2006, p. 53).

Como nos indicou Foucault (1994), experiências são transformadoras, são “modos pelos quais [...] seres humanos tornaram-se sujeitos” (DREYFUS & RABINOW, FOUCAULT, 1995, p. 231-232) e expressam uma trama de discursos e práticas por meio dos quais se dá forma àquilo que somos.

“Cada vez que tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos de minha própria experiência [...] que eu via se desenvolverem em torno de mim. [...] acreditei reconhecer nas coisas que via, nas instituições com que me ocupava, em minhas relações com os outros, fissuras, abalos surdos, disfunções, que empreendi esse trabalho algum fragmento de autobiografia. (FOUCAULT, 1994, p. 82).”

Nosso convite para os docentes foi produzir uma narrativa de vida. Como já indicamos, o ato de narrar favorece o ato de pensar e, ao exercitar o pensamento, força-se a pensar o vivido que, então, vai se criando no curso da experiência.

A biografia, em algumas propostas, pretende ser uma expressão fiel de uma vida, o que de saída consideramos um processo impossível e indesejável. Não existe uma vida sempre já dada que a biografia representaria com fidelidade. O componente biográfico é, então, um movimento de invenção de si que vai se fazendo como outramento. O sujeito, ao narrar uma vida, se desloca, se reposiciona subjetivamente e vai se constituindo como criador, fabulador de realidade, de vida. Narrar uma vida é apostar na potência de reinvenção dessa própria vida.

Cabe destacar que a prática biografemática volta-se para o detalhe do vivido, para a potência daquilo que é “menor”, que escapa do padrão, visando suas imprecisões e insignificâncias. O biografema é signo, traço do encontro, logo, o que se pretende ao registrá-lo não é “a” verdade desta vida, mas a verdade de “um encontro” com esta vida. O realismo biografemático sustenta-se na ideia de um real sempre em vias de ser feito, um real (im)possível de ser aprisionado.

Foi proposto aos participantes da pesquisa que narrassem suas vidas nas conversas realizadas pela modalidade online. O biografema foi, assim, estratégia disparadora de encontros, compartilhamento de um momento de vida e redimensionamento de experiências. Buscamos um tornar-se outro, quando tudo ainda está para ser feito e

inventado na apropriação ou encarnação das escolhas do presente, em meio à contínua construção do plano singular e coletivo que é a educação. Um caso individual é índice singular de situações que, problematizadas, mostram-se como ethos político, com ramificações do caso individual do plano imediatamente político.

A fronteira que separa o caso individual do plano político é uma zona indiscernível que não marca a separação entre um (o caso) e o de qualquer um (o político). O que podemos considerar como a dimensão transindividual do ofício de trabalhadores e trabalhadoras da educação.

Das biografias, escolhemos excertos que não visam à representação e tampouco a (re)desenhar o perfil de docentes. Esta escolha aponta para o novo e o velho que emergem dessas narrativas.

A aposta metodológica foi a compreensão de que pesquisa e intervenção não se separam. Nesse sentido, a meta é transformar para conhecer a realidade. Investigar a experiência atualizada em sua potência ontogenética (criação e modificação da realidade) desafia o pensamento a superar o modelo de representação. Conhecer não é representar a realidade de dado objeto, mas é lançar-se em uma experiência de criação de si e de mundos.

Participaram da pesquisa duas professoras de uma rede pública de ensino fundamental e um professor do ensino universitário, escolhidos a partir de uma lista de nomes encaminhada pela Secretaria de Educação e da indicação de um setor de uma universidade pública localizada na cidade onde foi feita a pesquisa. As duas

professoras formam convidadas, ainda, a escreverem cartas, que foram enviadas para as pesquisadoras e trocadas entre elas. Com o professor, além das conversas online, foram trocadas mensagens por WhatsApp. As conversas online foram gravadas em áudio e vídeo, depois da aprovação de cada participante. As conversas foram transcritas e compartilhadas com os docentes, o que viabilizou conversas sobre o narrado e trocas entre eles. Nesse texto, vamos apresentar uma das entrevistas-conversas que expressam os objetivos traçados na pesquisa.

## **Resultados**

Dressa: superfícies, derivas, fronteiras.

Dentre os cinco irmãos, Dressa era a única que tinha a “cor da pele diferente” (pele escura), e sempre demonstravam essa diferença nas “brincadeiras”: “cabelo de bombрил”,

“pretinha que foi achada no lixo”, “neguinha pixaim”. Descreve um sentimento de desassossego em relação a esses comentários:

“[...] internalizei a imagem de que para ser ‘bonita’ e aceita pelos meus irmãos eu precisava alisar o meu, pois entendia que meu cabelo não era bonito como o que se vê nas revistas, nas prateleiras de lojas de cosméticos. Chorava e me perguntava: por que eu nasci assim? O que eu fiz para merecer esse castigo?”

“Castigo” experimentado em silêncio, na solidão da vergonha. Não tinha língua para nomear essa situação, só mais tarde começa a nomeá-la: racismo. Dressa, olhos brilhantes, postura altiva. Cabelos enrolados, presos no alto da cabeça: “[...] obrigada por esse convite! Faz toda diferença ter alguém que possa escutar minha história”, nos diz com voz firme.

Mineira, 34 anos, a mãe era empregada doméstica. Fazia malabarismo para enfrentar os desafios cotidianos. “Vivemos numa sociedade marcada pela desigualdade... minha mãe sofreu as mazelas de ser mulher em uma sociedade machista, sexista, excludente e racista”. Vida em bairro periférico, aluna de escola pública: “[...] encontrei, ao longo do caminho, todas as dificuldades de uma menina negra, inserida em um ambiente de extrema desigualdade social”. Mãe solo, como uma equilibrista, dançava na corda bamba e em cada passo dessa linha, podia se machucar, mas a esperança é equilibrista, a esperança dança na corda bamba e sabe que o show deve continuar<sup>1</sup>.

Hoje, Dressa, diferentemente de sua mãe, equilibra-se não para enfrentar uma ditadura cívico-militar institucionalizada, mas no enfrentamento de um fascismo contemporâneo que tem se expressado em diferentes formas de racismo, misoginia, microfascismos. Facetas de um fascismo que se multiplica no tecido social brasileiro, com índices da retomada – ou da constância – do fascismo entre nós, para além da direção de governo se constitui como fascismo micropolítico, “inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação” 15 (p. 92) que se faz, portanto, também como microfascismo. Como nos indica Kilomba (2016), “Uma mulher negra diz que ela é uma mulher negra. Uma mulher branca diz que ela é uma mulher. Um homem branco diz que é uma pessoa.”.

Aos 13 anos, trabalhou como doméstica na casa de uma senhora. “Chego a pensar que estive em um trabalho análogo à escravidão – a menina preta, a menina escrava, a menina explorada pelo racismo e capitalismo”. A mãe a incentivou a estudar. Dressa vai tecendo uma trajetória. Universidade pública... um novo desafio. Foram muitos os obstáculos, mas “... um orgulho para minha mãe: sua filha preta agora era universitária”.

Na universidade participou de grupos de políticas de ação afirmativa, o que viabilizou um reposicionamento: orgulho de ser negra. Trajetória na universidade marcada por “estudos da cultura de maneira multidisciplinar”. Racismo? Vergonha? Castigo? Começa a feitura de outros mundos: “comecei a me enxergar como NEGRA”. Cabelos não mais alisados, “gesto revolucionário”, afirma. Não se nasce mulher negra, torna-se: inflexão importante nas palavras de Beauvoir.

Corpo cansado, logo adormece ao chegar da escola. Sonha com professoras e professores. Sonha que seus sonhos caberiam num mundo que ela cria. Os sonhos a impulsionam. Nos sonhos podemos mudar constantemente de lugares e ângulos. Ergue a voz. Não se define um lugar para nós, mulheres negras exclusivamente no âmbito do Direito. Dressa narra suas histórias não como participante de uma humanidade multiversa. A sabedoria de sua mãe a encanta. Seus olhos brilham, sua voz se altera sempre que fala dela. A sabedoria da mãe emerge da conjunção de um ontem, de um hoje e do porvir.

Entre os encontros dialogados, saberes e fazeres populares e a academia, nasce uma função: formar-transformar existências jovens, “principalmente a minha”, afirma com um sorriso. Faz uma imersão nos processos formativos-inventivos de professoras e professores, formação de jovens de comunidades periféricas e, principalmente, sua (form)ação, um tornar-se outra: tornar-se uma mulher, tornar-se negra. Equilibrista como sua mãe, sabe que o show deve continuar.

“A voz da minha filha/recorre todas as nossas vozes/recolhe em si/as vozes mudas caladas/engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha/recolhe em si/a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha/se fará ouvir a ressonância/o eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2020, p. 24).”

“Os ensinamentos da minha mãe sempre ecoaram em mim”, destaca Dressa. Finalizou o mestrado e continuou realizando “debates e reflexões sobre processos educacionais envolvendo sujeitos que vivenciam a pobreza extrema. Entendi minha realidade – mulher preta periférica, que vivenciou o racismo e o machismo ao longo da vida”. A atuação na educação básica foi um laboratório para esta professora preta que se viu com indagações sobre formação de professoras, relação com os movimentos sociais e superação das desigualdades. Nas palavras de Dressa,

“O ambiente escolar está contaminado pelo machismo, sexismo velado, ou até mesmo escancarado, constituindo-se num código secreto e silencioso que molda e discrimina o papel de ser mulher/professora.”.

Hoje, Dressa é professora de uma rede Municipal de ensino, doutoranda num Programa de Pós-Graduação em Educação. Fica muito difícil ler, estudar e trabalhar... ser mãe, estudar, e trabalhar, mas insiste. Hoje entende que “não há motivos para se envergonhar dos cabelos ou da cor da pele”. A sabedoria da mãe é inspiração importante. “Dar conselhos” está em extinção na nossa sociedade, como nos indicou Benjamin? Não temos mais disposição em ouvir e aconselhar o outro? “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1983, p. 45).

Os olhos de Dressa vão ganhando outro brilho no curso da conversa. Os olhos tristonhos e acanhados vão ganhando colorido com a possibilidade de narrar sua história. Joana, sua filha, aparece na tela do computador. Pula no seu colo. “Quem é essa mulher, mamãe?”, ao que Dressa responde: “Uma professora”. “Você ainda tem professora? Ela te dá aula de quê?” Jogo de passar anel. Professoras e alunas. Relação dissimétrica? Discurso de professora é mais autorizado, originário e último? Ameaça de opressão? Não. Um convite ao jogo. Jogo de passar anel. Alunas devolvem o anel que um dia professoras colocaram em suas mãos. E, nesse jogo, o anel nunca é o mesmo, mas “uma outra volta da espiral” (PERRONE-MOISÉS, 2013).

Perguntamos à Dressa como tem feito o seu trabalho como docente na pandemia:

“Durante a pandemia, a vida mudou, sobretudo no que se refere ao trabalho. Foi necessário nos adequar a uma nova realidade: ensino remoto, suas ferramentas... Foram os piores momentos da minha vida... Medos permearam meus pensamentos: medo de morrer, de não ver minha filha crescer, de perder pessoas queridas, perder o emprego sempre me assombrava num momento de tantas incertezas no país. Momento de instabilidade financeira. Mas a tentativa foi de permanecer forte e consegui. Enfrentei e continuo enfrentando os desafios, não desisti. Continuo inventando um jeito de trabalhar a cada dia. Dentro de casa, fiquei muito assustada. Tínhamos que mostrar para os alunos que tudo estava bem! Não podia mostrar esse medo para os alunos! Minha casa passou a ser meu novo espaço de trabalho. Foi preciso rearranjar os espaços. Minha filha passou a dormir no meu quarto e o dela passou a ser meu lugar de trabalho. Ela não entendia, batia insistentemente na porta. Época de amamentação e não podia dar a ela a atenção

necessária. Minha casa não era mais minha casa, era meu trabalho. As reuniões se multiplicaram: manhã, tarde e noite. Não tínhamos mais horário específico de trabalho. Participando de mais de 25 grupos de WhatsApp! Cada toque do celular me arrepiava: mais uma tarefa! Mais uma exigência de pais! Mais uma exigência das coordenadoras da escola. No primeiro momento da pandemia, trabalhava numa escola particular. Aulas gravadas, pais monitorando o que falávamos, um controle assustador de nossas posições políticas. Vigilância ideológica constante! As pessoas, pais e coordenadores, entravam nas aulas fazendo intervenções no que eu estava abordando. Ansiedade, terapia, medicação passaram a compor meu cotidiano. Sensação permanente de medo. Somos vigiadas em todas as nossas redes sociais. A misoginia se acirrava – eu era a única professora da cadeira de história. Falas machistas e desqualificadoras se multiplicaram. Perdi duas colegas para a Covid.”.

E seguiu... trabalhando, vigiada, tensa, assustada, a filha bate na porta...

“No segundo ano da pandemia, passei a compor o grupo de professores da rede municipal de ensino. Outros desafios, outras experiências, outras cobranças. Me deparo com adversidades da educação pública nesse país, com o intolerável. Miséria, inúmeras famílias em situação de vulnerabilidade, violência doméstica, uso de drogas, gravidez na adolescência...”.

### **Considerações finais**

A narrativa apresentada, resultado do processo de pesquisa, foi tecida e aportada na leitura política do tempo histórico. Contar histórias pode constituir-se como instrumento para uma análise das práticas educacionais que se abrem a lutas menores, disruptivas. As palavras têm um caráter coletivo, pois as histórias e a palavra do outro permitem ao pesquisador um olhar para a atualidade. Os rastros desse encontro evidenciam “a dissolução da centralidade da enunciação na biografia de quem fala” (FERREIRA; BENJAMIN, 2011, p.130).

Compor com os fragmentos, com o que nos parece inútil, e apostar na força do insignificante, compor com biografemas, fazer ficção, foi a proposta. “... os traços biografemáticos são detalhes insignificantes transformados em signos de escritura” (FEIL, 2010, p.28), “parte da fantasia” (CORAZZA, 2015, p. 12), transborda e se constituem como “roteiros imaginários” (CORAZZA, 2015, p. 11). Ao se deparar com o

real, a fantasia pode atingir o inédito e operar com o método biografemático ao assumir uma posição de atenção ao minúsculo, imperceptível no cotidiano.

Pensar os efeitos da pandemia no mundo do trabalho se apresentou, portanto, como desafio transdisciplinar (economia, psicologia, antropologia, sociologia, saúde coletiva, entre outras áreas do conhecimento) que nos leva a pensar os caminhos do trabalho humano hoje.

Tal quadro nos convoca a sermos contemporâneos, como nos indica Agamben: “O contemporâneo é intempestivo” (AGAMBEN, 2009, p.58). Ser contemporâneo é colocar em crise aquilo que parece natural com um gesto de desconexão. Significa suspender o “topos” temporal. Para Agamben (2009), a contemporaneidade é uma relação singular com o tempo que implica um movimento de aproximação e afastamento. Aqueles que estão completamente imersos no seu próprio tempo, misturados com ele, não podem ser contemporâneos, porque não conseguem vê-lo.

Estar plenamente aderido à sua época, não conseguindo realizar uma análise crítica do que se passa, implica não produzir esse estranhamento necessário para desmontar um cotidiano da vida “política-social” no trabalho que não opera como saúde para trabalhadoras e trabalhadores. Uma postura de contemporaneidade, portanto, implica posicionamento crítico que indica feridas de uma época, saturando-as. Experimentar a contemporaneidade é, pois, “enxergar a escuridão”. Para aqueles que experimentam a contemporaneidade, todos os tempos são obscuros. Enxergar a escuridão, como pontua Agamben (2013), é uma atividade que envolve ver as trevas e identificar o que há de mais desprezível ou os perigos das “novidades e milagres” que surgem como salvação! É estar atento ao engodo de algumas narrativas que dificultam jogar luz nessa escuridão.

Nunca é demais lembrar que o que há de pior em nosso tempo distópico não se apresenta gratuitamente, não se mostra a olho nu, numa primeira visada. Muitas vezes essa distopia é ofuscada e encoberta pelo que há de mais sedutor nas narrativas que circulam e nos impregnam. Ir além de nossa época e dos automatismos que nos tomam é um exercício necessário para sermos contemporâneos: indagar nosso tempo e nos inquietar com o que apequena a vida; percorrer o tempo e nele apreender aquilo que é não-vivido no vivido; realizar uma viagem atemporal guiada por Kairós, que como nos lembra Agamben (2013), é um tempo diferente do tempo Chrónos, que caminha de modo sequencial, quantitativo e linear... embarcar nas curvas e surpresas de Kairós, o intempestivo.

Essa foi a proposta: efetivar um exercício de dissociação, de forma a enxergar um ponto específico no tempo (os modos como o trabalho está se organizando hoje no campo da educação) e retornar. Um retorno que, sobretudo, não “cessa de se fazer”, uma vez que não se almejou alcançar uma origem primeira, um fenômeno fundador. Afinal, uma origem procurada no passado não é jamais alcançada, nem desejada, na nossa análise. Portanto, ser contemporâneo implica “um caminhar que não é apenas uma marcha, mas um passo suspenso” (AGAMBEN, 2013, p.19). É olhar para trás e ver o não-vivido no vivido. Buscamos lançar o olhar para esse tempo distópico e, então, descamar suas ambivalências, seus antagonismos. Perspectivamos perceber diferentes camadas temporais presentes no discurso do trabalho na educação hoje, e que se organiza em condições de precariedade, atualizando diferentes modos e produzindo mudanças relevantes a partir das tecnologias digitais.

Assim, o trabalho como experiência foi nosso motor de pensamento. Perseguimos acompanhar como o agir docente, nos seus processos normativos, faz a experiência do trabalho. A necessidade de enfrentamento da Covid-19 nos ensina que, assim como o vírus é mutante, precisamos também de mutação para resistir.

Trabalhar implica gerir a vida coletiva, decidir os modos como vamos viver juntos, enfrentando toda sorte de arranjos normativos e os embates experimentados nos processos de trabalhar em educação. Políticas educacionais se fazem por entre processos de trabalho, é o “povo que vem” (AGAMBEN, 2013) que é necessário cuidar. Ora, por entre as práticas pedagógicas há, sim, energia para fazer mundos outros, diferentes daquele que os valores capitalísticos contornam.

Essa questão do enfrentamento de Covid-19 não é trivial, afinal, a metáfora da guerra contra um inimigo nos indica um modo de lidar com o vírus pelo viés da morte. Aqui, pretendemos uma inflexão importante. A metáfora da guerra é apropriada por estratégias governamentais que almejam controle social e político total, antes da pandemia, durante e após ela. Uma operação de guerra acaba atingindo cidadãos e não o vírus.

A luta deve ser pela vida e não contra a morte. Se temos a vida como direção ético-política, precisamos formular a questão de outro modo: que lutas empreender para afirmar uma vida que não seja servidão voluntária? Numa tentativa de encaminhamento de resposta que a pesquisa nos ofereceu, afirmamos a legitimidade de uma sorte de sofrimento que não nos pacifica ou nos torna indiferentes ao que está acontecendo, mas

um sofrimento que nos retira de um certo torpor e nos lança no trabalho de criar possíveis para não sufocarmos, como nos indicou Deleuze (2010).

Dressa nos indica que a pandemia, mesmo com todas as adversidades intoleráveis, acorda resistências: cambaleantes, atordoadas, é bem verdade, mas que não cessam de serem erigidas.

Se, como alguns afirmam, o vírus nos comuniza já que somos obrigados a enfrentá-lo juntos, como criar estratégias de emancipação e de resistência tendo em vista colocar em funcionamento novos processos antagonistas?

A pesquisa empreende uma vinculação entre narratividade, o contar “histórias” e gestos pedagógicos por meio da criação de biografemas de profissionais da educação. Narrativas, paixões que jogam com uma incerteza de verdade e buscam ser teimosas ao se manterem ao revés do poder fascista da língua e seu poder que serviliza. A pesquisa afirmou, ainda, a importância de “retomar o corpo na sua dor no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo e capaz de ser afetado por elas: sua afectibilidade” (PELBART, 2007, p. 4).

## **Referências**

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos; 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica; 2013.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução de Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1984.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade; 2003.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes; 2005
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix; 2013.
- BECKETT, Samuel. *Molloy*. São Paulo: Editora Globo; 2014.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Benjamin W. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro; 1983.
- BLANC, Aldir; BOSCO, João. O bêbado e o equilibrista. LP *Essa Mulher*. 1979.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2002.
- CLOT, Yves. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Ed. Fabrefactum; 2010.
- CORAZZA, Sandra Mara. Método: Discurso do método no grafemático. In: Corazza SM, Oliveira MR, Adó MDL (orgs.). *Biografemática na educação*: Vidarbos. Porto Alegre-RS: UFRGS/Doisa; 2015. p. 25-46.

- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE G. *Conversações*. São Paulo: editora 34; 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.3. São Paulo: Editora 34; 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Sobre o teatro*. Rio de Janeiro: Zahar; 2010.
- DREYFUS, Hubert Lederer; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: Uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. São Paulo: Forense universitária; 1995.
- EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: Evaristo C. *Poemas de Recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê; 2020.
- FEIL, Gabriel Sausen. Escritura biografemática em Roland Barthes. *Revista Pesquisa em Foco: Educação e Filosofia*. 2010; 3 (3). p. 30-39.
- FERREIRA, Marcelo Santana. Walter Benjamin e a questão das narratividades. *Mnemosine*. 2011; 7 (2): p. 121-133. [citado em 19 set. 2021] Disponível em: [https://www.academia.edu/12537212/Walter\\_Benjamin\\_e\\_a\\_quest%C3%A3o\\_das\\_narratividades](https://www.academia.edu/12537212/Walter_Benjamin_e_a_quest%C3%A3o_das_narratividades)
- FOUCAULT, Michel. Est-il donc importante de penser? In: Foucault M. *Dits et Écrits IV*. Paris: Gallimard; 1994.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O método desviante. *Revista Trópico/Documenta*. 2006; 1(1). [citado em 16 mar 2022] Disponível em: <http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2807>
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34; 2006.
- KILOMBA, Grada. Mostra Internacional de Teatro de São Paulo. 2016. [citado em 13 jun 2022] Disponível em: <https://mitsp.org/2016/em-palestra-performance-grada-kilomba-desfaz-a-ideia-de-conhecimento-universal/>
- LOURAU, René. Implicação um novo paradigma. In: Altoé S.(Org.) *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec; 2004. p. 246-258.
- NANCY, Jean-Luc. Comunovírus. *Pandemia Crítica*. 2020, 1. Disponível em: <https://n-ledicoes.org/textos-1>
- PELBART, Peter Pál. *Vida nua, vida besta, uma vida*. São Paulo: Trópico; 2007.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lição de casa. In: Barthes R. *Aula*. São Paulo: Cultrix; 2013. P.57
- PINO, Claudia Amigo. *Roland Barthes: a aventura do romance*. Rio de Janeiro: 7 Letras; 2015.
- ROLNIK, Suely. O mal-estar da diferença. [Internet] In: III Fórum Brasileiro de Psicanálise; 1994; Belo Horizonte, Brasil. Disponível em: [www.pucsp.br](http://www.pucsp.br)
- SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. *Pro-posições*. 2000; v. 1, n. 5 (32): 34-50.
- SCHWARTZ, Yves. Disciplina Epistêmica, Disciplina Ergológica - paidéia e politeia. *Pro-Posições* (Unicamp). 2002, 13 (1): p. 126-149.
- SCHWARTZ, Yves. Motivações de conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje* (Porto Alegre). 2014. v. 49, n. 3: p. 259-274.

Maria Elizabeth Barros de Barros;  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Email: [betebarros@uol.com.br](mailto:betebarros@uol.com.br)

Heliana de Barros Conde Rodrigues  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

<sup>1</sup> O Bêbado e a Equilibrista é uma canção composta por João Bosco e Aldir Blanc no período da anistia e do declínio da ditadura cívico-militar, em 1979.